O dizer estético e (anti)ético da mídia:
a veridictoriedade à luz da perspectiva bakhtiniana

Luciane de Paula(UNAERP; GED; GEGE)
luciane_de_paula@uol.com.br

Introdução

Pensar em realidade e mídia é pensar a ética e a estética, incondicionalmente. A realidade existe por meio da e na linguagem. A linguagem é histórica e constituída por sujeitos. Por sua vez, a mídia tenta refletir e refratar a realidade e seus valores, por meio da ilusão anti-ética que atribui aos outros (leitores). Para isso, ela tenta garantir o acabamento estético de seus discursos. A mídia constrói um texto aparentemente fidedigno à realidade quando, de fato, a cria por meio de narrativas que garantam seu *status* de veridictoriedade (verdade do dizer). Desse modo, pensar o dizer midiático significa refletir acerca da relação discursiva indissociável entre ética e estética.

A estética é uma das principais concepções bakhtinianas. Para compreendê-la, precisamos pensá-la em diálogo com a ética. E esses dois conceitos se encontram esparsos, mas sempre presentes ao longo de toda a obra de Bakhtin.

Para tratar da estética, embasaremo-nos, especificamente, nos textos *Estética da Criação Verbal* (1992) e *Questões de Literatura e Estética* (1988). Quanto à ética, nossa discussão fundamentar-se-á, especialmente, em *Para uma filosofia do ato* e *Arte e Responsabilidade*. Nossas reflexões estão calcadas ainda em *Discurso na vida e Discurso na arte*, tanto no que diz respeito à ética quanto à estética, concepções impossíveis de serem pensadas isoladamente. Para auxiliar nossas reflexões, partimos ainda da leitura de Sobral (*In Ético e Estético – Na vida, na arte e na pesquisa em Ciências Humanas*, 2005) acerca da ética e da estética.

1. *Métis Mythos*: o ético e o estético do dizer midiático

O posicionamento ético do sujeito diante do mundo e a criação de uma arquitetônica estética (uma unidade coesa e dotada de sentido) são, segundo Sobral (2005, p. 117), “faces de um Jano tríplice”:

> “o que não responde a nada é estranho ao homem, é o inconcebível configurado na Medusa, é o insensato, o ‘não-sentido’, porquanto separado do diálogo, da diferença que cria o sentido, da interrelação entre o mítico (*mythos*) – que é coesivo, mas repetitivo – o prático (*métis*) – que é vivo, mas contingente (...)”.

Ao refletirmos sobre a construção do dizer midiático e sua relação com o real com sentido produzido em seu discurso vivo, podemos pensar que o sujeito (aquele que produz o dizer midiático) pode (e deve) afastar-se (o suficiente para poder ter um olhar parcialmente extraposto) de sua própria contingência, construir-se a si mesmo nela, a partir do concreto e do abstrato, do coletivo (outro) e do individual (nunca subjetivo), do agir/fazer (ético) e do refletir sobre o agir (elaboração estética), do que há de único em cada ato (*métis*) e do que há de comum a todos os atos (*mythos*). Essa é a posição exotópica (o excedente de visão ou olhar extraposto) preconizada por Bakhtin.

De acordo com Sobral, é o agir do sujeito, aqui pensado nos planos ético e estético, que impede que “o *mythos* instaure o discurso único, indiscutível (anti-*logos*) e abstrato (anti-*métis*)”, bem como que “a *métis* imponha a singularidade como único critério de valor e sufoque tanto a necessária generalização que o *logos* propicia em sua dialogicidade como a coesão que o *mythos* propicia, evitando a queda na luta de todos contra todos”. Em outros termos, o agir (ético e estético) do sujeito que produz o dizer midiático pode transformar esse dizer em juízo de valor tendencioso e manipulador ou não, com maior credibilidade, rumo à veridictoriedade ou não.

Sabemos que o discurso hegemônico midiático é constituído, na maior parte do tempo e dos casos, de acordo com a ética daqueles que se encontram no poder e, para ter credibilidade, esse discurso elabora-se de maneira estética. A estética, no caso, aparece como acabamento do agir do sujeito que, para garantir a veridictoriedade de seu discurso e camuflar os valores nele inseridos (e não há como fugir disso, uma vez que o discurso é vivo e o signo, ideológico), atribui ao seu ato (ético) um acabamento estético, na maior parte das vezes, narrativo, calcado em fórmulas cristalizadas de sucesso, compostas por enredos estáveis e estáticos, trocando apenas as categorias clássicas da meta-narrativa modelar: personagens, tempo e espaço da história. Com isso, o sujeito garante que seu discurso faça sentido e reverbere na vida, calcando ações (éticas) em outros sujeitos que, alienados e alijados do poder, re-produzem os valores intrínsecos ao discurso midiático com o qual dialoga, responsiva e responsavelmente.

De acordo com Sobral (2005, p. 118), o agir do sujeito se refere aos planos ético, estético e teórico, mas, aqui, ateremo-nos aos atos ético (o processo – o agir no mundo,

o que se liga diretamente à realidade) e estético (a valorização – a reflexão elaborada, portanto, com acabamento – e não necessariamente acabada – acerca da ação ética realizada pelo sujeito). Esses dois elementos ligam-se às concepções de responsabilidade e responsividade, estudadas por Bakhtin. Nesse diálogo entre ético e estético com a relação responsabilidade e responsividade é que se justifica as reflexões aqui presentes acerca da produção do dizer midiático com sentido de verdade – que gera poder a esse dizer e, com o dizer, à própria mídia sobre a realidade.

Se o dizer midiático possui o sentido de verdadeiro, ele passa a ser inquestionável e, portanto, incontestável. Com isso, manipula-se e se constrói realidades à vontade e bel prazer daqueles a quem interessa produzir determinados sentidos. Precisamos pensar, então, na relação que esse dizer possui com o poder e sobre a responsabilidade desse dizer ético-estético.

2. O poder do dizer: simulacro de verdade

A análise do discurso de linha francesa (AD), calcada em Pêcheux e Foucault, também se interessa por textos marcados, em que aparecem as situações sócio-históricas, as relações de força, tensão e sentidos que circulam no interior de uma sociedade, bem como as relações entre os diversos discursos. Além disso, ela busca redimensionar o conceito de linguagem e a concebe como fenômeno que constitui e instaura o discurso como modalidade do "real". Com isso, admite que fatores sócio-culturais e, portanto, históricos, sejam fundamentais no processo lingüístico-discursivo, o que vai ao encontro da concepção sócio-histórica de linguagem desenvolvida por Bakhtin. Nesse contexto de reflexão, a análise atenta ao uso que cada possível grupo faz da linguagem, para constituir e divulgar suas idéias.

Para Bakhtin, o uso que uma comunidade faz de um código, com suas nuances ideológicas, ou o que ele denomina de "código ideológico de comunicação", forma uma "comunidade semiótica". Nesse sentido, os discursos constituem os sujeitos e os sujeitos, por sua vez, tecem os discursos. Assim, podemos dizer que a linguagem é tão construtora da "realidade" social quanto os elementos da ordem do sensível (e o que é sentido e percebido, é semiotizado, ou seja, quando há o homem, há semiotização. Se o homem que percebe, o que é percebido é semiotizado), haja vista que as relações sociais são realizadas pela e na linguagem, bem como os lugares sociais adquirem existência na medida em que estão inscritos numa rede discursiva.

Em seu artigo “Discurso na vida e discurso na arte” (1926), Bakhtin/Volochinov dedica-se à diferença entre a comunicação verbal na arte e no âmbito da vida cotidiana. No ensaio, o autor afirma que “a arte é um ato de comunicação”. A linguagem, para os autores, não é um sistema acabado, mas um processo de vir-a-ser. Afinal, o homem não nasce e recebe uma língua pronta, acabada e fechada em si mesma. Ao contrário, ele ingressa sua trajetória na viagem da vida numa corrente móvel. Pega o bonde no meio do caminho da comunicação verbal e tem que seguir com ele sua travessia, não apenas sua, particular, pois passa a compartilhar dela com todos, sendo ela, portanto, coletiva.

Pelo fato de a língua estar em constante construção, Bakhtin (1997: 47) diz que “As pessoas não ‘aceitam’ uma língua; em vez disso, é através da linguagem que elas se tornam conscientes e começam a agir sobre o mundo, com e contra os outros”. Bakhtin vê a linguagem sempre imbricada com o poder. Para o filósofo russo, o embate ideológico localiza-se no centro vivo do discurso, seja na forma de um texto artístico, seja como intercâmbio cotidiano da linguagem. O embate ao qual se refere o filósofo russo ocorre por meio da relação eu-outro.

Além disso, sempre devemos considerar que o signo, para Bakhtin, é o “signo ideológico”, uma vez que a linguagem é plurissignificativa e se encontra sempre grávida de sentidos e valores ideológicos que servem a um dado sujeito e ao grupo social ao qual ele pertence. Logo, a linguagem não é estéril, abstrata, mas viva. Daí a responsabilidade e responsividade do sujeito do discurso, pois ele pode, com seu dizer enunciativo, construir verdades e, com isso, manipular outros sujeitos em prol de outros e de determinados grupos sociais.

Segundo Sobral (2005, p. 118), a “responsabilidade inalienável” do sujeito se refere à sua falta de álibi, a “a sua falta de escapatória, de sua inevitável condição de ser lançado no mundo e ter ainda assim de dar contas de como nele agiu”.

Bakhtin pensa sobre isso em várias de suas obras, em diversos momentos. Responsabilidade e responsividade são, então, categorias que se associam ao agir ético e estético do sujeito. Mais, relacionam-se com a consciência ética e estética do sujeito.

3. A responsabilidade e a responsividade ética e estética do dizer midiático

Tratar da ética e da estética em Bakhtin significa pensar a integralização arquitetônica das dimensões do sujeito humano estudadas pelo Círculo, “na unidade da

responsabilidade". Responsabilidade, aqui, do sujeito do dizer midiático, mas não apenas dele, pois de todo e qualquer sujeito humano.

Em *Para uma filosofia do ato*, Bakhtin propõe a distinção dicotômica, mas ambivalente, entre ato-atividade – ordem do geral e do repetível – e ato-ocorrência – ordem do particular e irrepetível. Na verdade, esses atos, aparentemente opostos, são complementares, pois indissociáveis em qualquer (produção do) discurso.

Bakhtin afirma que todo discurso é responsível porque todo discurso é dialógico e porque o sujeito responde por seus atos no mundo, ele é responsável por eles. O ato responsível corresponde ao ato ético, pois envolve o conteúdo do ato, o seu processo, valorado (avaliado) – ato estético – pelo sujeito com respeito ao seu próprio ato, quando reflete sobre ele e lhe dá um acabamento.

A associação entre cultura e realidade, entre mundo sensível e mundo inteligível, entre conteúdo e processo, entre repetibilidade arquitetônica e irrepetibilidade composicional é a vida complexa humana, composta pelo diálogo entre o agir concreto dos sujeitos (ética) e o pensar sobre o agir dos sujeitos (estética). O empreendimento bakhtiniano consiste em propor que há entre o particular (a ocorrência irrepetível do ato/atividade – aquilo que só nele se faz presente) e o geral (o conteúdo do ato/atividade – aquilo que cada ato tem de comum com outros atos), a vida e a arte, uma relação de interconstituição dialógica que não privilegia nenhum desses termos, mas os integra na produção de atos, de enunciados, de obras, enfim, de dizeres que produzem o real, como o faz o agir veridictório midiático, a questão é como a mídia faz isso.

Junto com as propostas dialógicas acima, Bakhtin propõe a interconstituição entre texto e contexto, sujeito discursivo e sujeito humano e realidade discursiva (criada no e pelo discurso) e realidade *per se*. Essa aproximação ocorre porque a concepção de sujeito para o filósofo russo se aproxima da concepção de Vygotsky: o sujeito é agente de sua consciência e a consciência depende da linguagem para formar-se e manifestar-se. Na verdade, o sujeito (eu) se constitui por meio de e a partir do outro. Em outras palavras, os sujeitos se constituem por meio do(s) outro(s), dialogicamente, numa interatividade complexa e dinâmica, com suas próprias orientações ideológicas.

A recepção torna-se fundamental na consolidação do diálogo entre os sujeitos. Ao receber a enunciação de outrem, o "eu" também traz em seu bojo palavras interiores, seu discurso interior, no quadro desse discurso interior se efetiva a apreensão da locução do outro, bem como sua compreensão, dessa forma "a palavra vai à palavra".

A partir do momento em que o indivíduo se constitui ele também se altera, constantemente. E esse processo não surge de sua própria consciência, é algo que se consolida socialmente, por meio das relações, das palavras, dos signos.

Como a linguagem só existe imersa no mundo, a consciência não é uma instância que imponha suas categorias ao mundo, precisando, ao invés disso, do mundo para se constituir, ao mesmo tempo em que também o "constrói". As situações vividas chegam à consciência individual por meio da linguagem, no âmbito do processo de interiorização do signo ideológico. Aqui chegamos ao ponto humano captado e trabalhado da maneira que interessa a mídia com a produção de seu dizer.

Bakhtin mostra, em suas formulações acerca do sujeito e de seu agir, o valor da categoria da simultaneidade – a articulação dos momentos que constituem os fenômenos. No agir do sujeito estão integrados vários aspectos, explicitados por Sobral (2005, p. 107) como "aspectos psíquicos da identidade relativamente fixada (...) advindos da internalização de suas relações, desde sempre ideológicas, com os outros no mundo concreto.", "aspectos sociais e históricos do ser-no-mundo do sujeito", "avaliação responsável que o sujeito faz ao agir".

De acordo com Sobral, se os aspectos psíquicos, sociais e históricos marcam certa primazia sobre (nunca dominância) o repetível, a avaliação responsável é o espaço, por excelência, da irrepetibilidade: cada ato (sempre enunciativo) é único, ainda que compartilhe com os demais uma certa estrutura.

A ética bakhtiniana (apresentada em *Para uma filosofia do ato*) é esse espaço sobre o qual falávamos acima. Espaço de decisões cronotópicas no *hic et nunc* (agora e então) concretos do agir humano. Assim, a ética, para Bakhtin, é um conjunto de obrigações e deveres concretos. Já a concepção de estética resulta de um processo que busca representar o mundo do ponto de vista da ação exotópica (lugar de fora, ainda que um fora relativo, pois uma posição de fronteira, lugar móvel, sem uma de-limitação pré-determinada, de onde o sujeito vê o mundo com certa distância, a fim de trans-figurá-lo na construção de seu discurso – sua veridicção – estética, como é o caso do dizer midiático) do sujeito, fundada no social e no histórico.

A posição exotópica é a posição a partir da qual é possível o trabalho estético, a ação de construir o objeto estético. E o jornalista é o sujeito artista que compõe o dizer midiático, trans-formando-o em narrativa estética.

O cachimbo de Magritte não é real, mas tão bem representado que custamos a compreender a inscrição que no quadro se apresenta abaixo da representação ("*Ceci*

n'est pas une pipe" – "Isto não é um cachimbo"). Uma vez que olhamos a obra representada e vemos, ali, um cachimbo, esquecemos de notar que aquele objeto discursivo não é o objeto empírico, ainda que bem o represente. O mesmo ocorre com a notícia, transformada em narrativa, com personagens reais representados discursivamente. Tanto que é comum discutirmos atos de crueldade e violência com a mesma "naturalidade" descompromissada (e, portanto, irresponsável) com que discutimos telenovelas e *reality shows* como "*Big Brother* Brasil". Periga ainda, dependendo do acabamento estético dado à notícia, discutir-se com mais ênfase, empenho e entusiasmo (como é comum acontecer) o final da "novela das oito".

4. A arquitetônica do dizer midiático

O conceito de arquitetônica surge, em Bakhtin, em *Arte e Responsabilidade*, vinculado às considerações feita pelo filósofo russo acerca da relação arte e vida/realidade e sobre a responsabilidade (responsabilidade por e responsividade a).

Um todo arquitetônico é imbuído da unidade advinda do sentido. "Todo" tem relação com acabamento, relacionado ao excedente de visão como elemento constitutivo basal tanto da interação quanto da atividade autoral. Afinal, a exotopia (ou excedente de visão) é a base do trabalho estético. No caso da mídia, o jornalista (sujeito representante do signo ideológico do jornal) é o autor que, de fora do fato, descreve, mais, narra o fato, dando-lhe um acabamento veridictório estético, mas completamente individual (e não subjetivo). Podemos (e devemos) questionar a ética desse ato do dizer (uma vez que o indivíduo tem de tornar-se integralmente responsável por todos os momentos constituintes de sua vida).

Para entender as considerações sobre arquitetônica, contidas em "O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária", parte de *Questões de literatura e estética* (1988), devemos levar em conta algumas considerações de "O autor e o herói", de *Estética da criação verbal* (1992).

No campo da estética bakhtiniana, a arquitetônica é a construção ou estruturação do discurso, que une e integra o material, a forma e o conteúdo. De acordo com Bakhtin, a arquitetônica da visão artística organiza tanto o espaço e o tempo como o sentido. Afinal, a obra (produto final, acabado/inacabado, mas com acabamento) estética resulta da articulação desses vários elementos, sem poder vir-a-existir sem eles.

As formas arquitetônicas (visão artística e processo de acabamento) determinam os procedimentos estéticos externos (as formas de composição): a ordem, a disposição, o acabamento. Assim, forma arquitetônica é a concepção da obra como objeto estético. Forma composicional, por sua vez, é o modo específico de estruturação da obra externa a partir de sua concepção arquitetônica.

O momento arquitetônico, do objeto estético, poderia ser comparado à formação do gênero, enquanto que o momento composicional, da obra material, poderia ser pensado como a textualização do gênero concebido. Nesses termos, o dizer midiático possui uma composição (material) estética, uma vez que não se constitui como gênero puramente estético, mas dialoga, como objeto midiático, com outros gêneros (estéticos, inclusive), tornando-se um outro gênero, sincrético: o midiático-estético.

Conclusão

A articulação que constitui a composição da obra (inclusive a obra midiática-estética) é definida a partir da potência que é sua arquitetônica. Assim, a obra exterior está ligada ao material; enquanto o objeto estético refere-se à forma, tanto de composição (textualização) quanto arquitetônica (criação de um todo integrado).

Como afirma Sobral (*idem*),

> "Em suma, no domínio do estético, temos o momento do conteúdo – o objeto estético – o momento do material – a obra exterior – e o momento da forma – a organização composicional do material a partir da concepção arquitetônica. Assim, forma arquitetônica e forma composicional se vinculam constitutivamente, integrando a si, ao mesmo tempo, as especificidades do material: se a forma arquitetônica (parte do objeto estético) determina a forma composicional (parte da obra externa), só graças a ela vem aquela a existir – assim como se conhece a potência por meio do ato de sua realização. E a forma arquitetônica vem a existir, por meio dos atos da forma composicional, ancorada num dado material, cujas particularidades também impõem suas coerções à obra.".

Pensemos na estética do dizer midiático: as notícias desenvolverem características dos romances folhetinescos do século XIX, inclusive com o predomínio alienante do ideário romântico "cor-de-rosa" (do final feliz) burguês, uma vez que o romance romântico (novela da época) surge junto com o desenvolvimento da imprensa no Brasil. Com o tempo, ainda no século XIX, o romance passa, no realismo, a se aproximar mais da notícia, pois se quer "real", enquanto a notícia, hoje, em pleno século XXI, é trans-formada em narrativa folhetinesca, pois passa a ter acabamento estético de

telenovela, quase que com “cenas do próximo capítulo”, como ocorre com notícias emblemáticas (como a morte do papa João Paulo II, grandes catástrofes ou escândalos, por exemplo) ou com a fabricação de emblemas, realizada a partir de fatos chocantes (geralmente ligados à violência de alguma espécie, como o recente caso da Isabela e do casal Nardoni e Jatobá, entre outros). Isso garante sucesso (e, portanto, venda) porque modifica o gênero discursivo notícia ao dar-lhe um acabamento estético narrativo, mais aceito e de mais fácil manipulação (e, claro, inculcação ideológica), ainda que com “cara” de seriedade (próprio do acabamento estético da notícia) e tom discursivo que se quer “verdadeiro”. Dizer real sobre o real? Ético? Estético? Qual a arquitetônica do dizer midiático? A forma do dizer. Um dizer que se diz e se quer verdadeiro e imparcial. Totalmente ilusório, no entanto, e alienante.

Por isso, terminamos este texto com uma reflexão acerca dessa (falta de) ética do dizer que se diz e quer verdadeiro da mídia ao citar a letra da canção “Televisão” (*In Televisão*, 1985), dos Titãs (Arnaldo Antunes, Marcelo Frommer e Toni Belotto):

> “A televisão me deixou burro / muito burro demais / agora todas as coisas que eu penso / me parecem iguais / (...) / é que a televisão me deixou burro / muito burro demais / e agora eu vivo dentro dessa jaula / junto dos animais / ô Cride, fala pra mãe / que tudo que a antena captar / meu coração captura / (...)”

A televisão, na letra da canção, é metáfora do que aqui chamamos de mídia. Desse ponto de vista, podemos pensar se, de fato, o dizer midiático é “verdadeiro”, como prevê seus *status* ou se se constrói como verdadeiro. Pelo que vimos, ética e esteticamente, o sujeito é responsável por seu dizer, sempre responsível. Assim, a ilusão de veridictoriedade paira no ar tanto quanto o dizer “real” sobre a realidade *per se*, sempre por meio do discurso, constituído pela linguagem e esta, pelo signo (ideológico). Em outras palavras, a enunciação é irrepetível e carrega, no enunciado, o ponto de vista do sujeito, que sempre incute seus valores em seu discurso, jamais imparcial.

Bibliografia

BAKHTIN, M./VOLOCHINOV. “Discurso na vida e discurso na arte”.

___. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

___. **Questões de literatura e estética**: a teoria do romance. São Paulo: Hucitec/ USP, 1988.

___. "*Les études littéraires aujourd'hui*". *In* ***Esthétique de la creation verbale***. Paris : Gallimard, 1984.

___. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1987.

___. **Problemas da poética de Dostoievski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

___. Arte e responsabilidade.

___. Para uma filosofia do ato.

___. ***Toward a Philosophy of the Act***. Austin: University of Texas Press, 1993.

SOBRAL, A. "Ético e estético – Na vida, na arte e na pesquisa em Ciências Humanas". *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin Conceitos-Chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

TITÃS. "Televisão". *In*: **Televisão**. Rio de Janeiro: EMI-ODEON, 1985.